
**“O esforço é grande e o homem é pequeno”:
Cleonice Berardinelli e a gênese dos estudos
pessoanos no Brasil**

*“O esforço é grande e o homem é pequeno”: Cleonice
Berardinelli and the genesis of Brazilian researchs on
Fernando Pessoa*

Rodrigo Xavier

Universidade Federal do Rio de Janeiro

DOI

<https://doi.org/10.37508/rcl.2024.nEsp.a1287>

RESUMO

Cleonice Berardinelli se notabilizou pelo pioneirismo na investigação do espólio de Fernando Pessoa e a inauguração do estudo sistemático da obra do poeta no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Fernando Pessoa; Cleonice Berardinelli; Pessoa no Brasil

ABSTRACT

Cleonice Berardinelli is renowned for her pioneering work in the investigation of Fernando Pessoa's archives and the inauguration of the systematic research on his poetry in Brazil.

KEYWORDS: Fernando Pessoa; Cleonice Berardinelli; Pessoa in Brazil

E a Cruz ao alto diz que o que me há na alma
E faz a febre em mim de navegar
Só encontrará de Deus na eterna calma
O porto sempre por achar (PESSOA, 1993, p. 49).

Ao escolher o título deste breve capítulo, remeto-me à *Mensagem*, um dos textos mais estudados e comentados por Cleonice Berardinelli. Foi ela quem preparou, organizou e apresentou rigorosamente uma edição brasileira de *Mensagem*, que teve por texto-base uma versão “corrigida pelo punho do poeta”, aquela em que vemos as marginais laterais manuscritas de Fernando Pessoa colocarem *in dubio* o seu próprio texto. Essa escolha é o mais claro índice que aponta para o cuidado e o interesse demonstrados pela autora para com a gênese do poema, assim como o tinham feito, antes dela, José Augusto Seabra e Maria Aliete Galhoz, na edição de 1993, e, mais recentemente, com requintes de arqueologia, Jerónimo Pizarro, Rui Souza, Carlos Pittella e Nicolás Barbosa, escavando *Mensagem* desde seu “primeiro aviso” (2020).

Embora não se trate aqui de repensar a edição de *Mensagem*, o mote do título é inspirado no primeiro verso de “Padrão”, terceiro poema de *Mar Português*, escrito por Pessoa em 13 de setembro de 1918 e publicado três vezes por ele, ainda em vida, antes de integrar definitivamente *Mensagem*: na *Contemporânea*, em 1922; em *Leitura para todos*, revista brasileira, em 1926; e no jornal *Revolução*, em 1933. A despeito das variações identificadas em cada uma das versões, o que me levou a convocar o verso para esta minha breve contribuição é a analogia que pode ser estabelecida entre a grandeza e a importância do navegador Diogo Cão, responsável por fincar o Padrão das navegações portuguesas, importante, portanto, não só para a história da expansão portuguesa no mundo, como também para o entendimento do espírito de um povo que se erigia em torno da missão de ir para além de seu horizonte, e Cleonice Berardinelli, responsável

por iniciar sistematicamente o estudo da obra de Fernando Pessoa no Brasil, em missão de diálogo literário transatlântico.

O verso inscrito em “Padrão” aponta, novamente por analogia, para outras duas imensas tarefas diante das quais o homem se vê tragicamente pequeno: de um lado, Fernando Pessoa, tomado de um espírito fáustico, labiríntica e desassossegadamente, esforça-se por deixar como legado uma obra múltipla na autoria, diversa na forma, na temática, infinita na possibilidade de cruzamentos e abordagens, uma literatura inteira; de outro, Cleonice Berardinelli lança-se nesse oceano de papéis avulsos e fragmentos, dedica-se a uma obra abissal e interminável, de quase impossível catalogação, a um tempo em que essa tarefa, quase uma espécie de maldição, a de se dedicar ao estudo de Fernando Pessoa, era uma novidade no Brasil e não chegava a ser lugar-comum mesmo no Portugal da década de 1950.

Antes mesmo de a obra de Fernando Pessoa começar a ser editada pela Ática, Berardinelli, ainda com 28 anos de idade, em 1944, teve seu primeiro encontro com Fernando Pessoa, quando o professor Thiers Martins Moreira lhe apresentou o poeta a partir da antologia de Adolfo Casais Monteiro, publicada pela Agir dois anos antes. Ele fora um dos pioneiros na recepção de Fernando Pessoa no Brasil (Blanco, 2016, p. 401), e 1944 é, não coincidentemente creio, o ano de publicação de *Poetas Novos de Portugal*, antologia em que Cecília Meireles também “apresentava” o poeta em contexto editorial brasileiro.

Entre o primeiro encontro com o poeta e a defesa da tese de livre-docência defendida na Universidade do Brasil – hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) –, foram 13 anos de leitura do poeta e preparação dos estudos inaugurais. E foi esse o primeiro grande passo para que ela, num futuro não tão distante, figurasse no seletivo e distinto grupo de estrangeiros reconhecidamente especialistas na obra de Fernando Pessoa.

Segunda tese sobre Pessoa defendida no mundo, atrás apenas do livro do português Jacinto do Prado Coelho, intitulada *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa* (1949) – texto incontornável – o trabalho de Cleonice ainda guarda aspectos desconhecidos mesmo para os que se dedicam ao estudo do poeta. Não tendo sido publicada, parte da tese fora transformada em ensaios, publicados juntamente com tantos outros textos da autora sobre Pessoa ao longo de 57 anos.

As suas publicações em torno de Pessoa até a primeira década dos anos 2000 estão catalogadas na *Pessoana* de José Blanco, que considera o repertório da brasileira de fulcral importância “para a compreensão do fenómeno poético pessoano” (Blanco, 2016, p. 401). A bibliografia editada por Blanco em 2008 na *Pessoana* conta com 62 entradas, colocando a brasileira entre os “dez ensaístas mais prolíferos” da obra pessoana no mundo, em uma lista liderada, àquela data, por João Gaspar Simões (142 entradas), seguido de Eduardo Lourenço (91 entradas) e Teresa Rita Lopes (83 entradas). Em 2004 a autora reuniu os estudos sobre Fernando Pessoa em um volume publicado no Brasil sob o título de *Fernando Pessoa: Outra vez te revejo...*

Sigo aqui uma cronologia que vai até 1960, pois quero enfatizar o momento de concepção da tese. Entre 1957 e 1960, há quatro textos publicados por ela sobre a poesia de Pessoa.

O primeiro, de 1957, é sobre *Mensagem*, poema que futuramente seria editado por ela no Brasil, e o qual Berardinelli afirmava ser “a mais portuguesa das obras de Fernando Pessoa” (Blanco, 2014, p. 119). É fato curioso *Mensagem* não ser um texto integralmente trabalhado na tese.

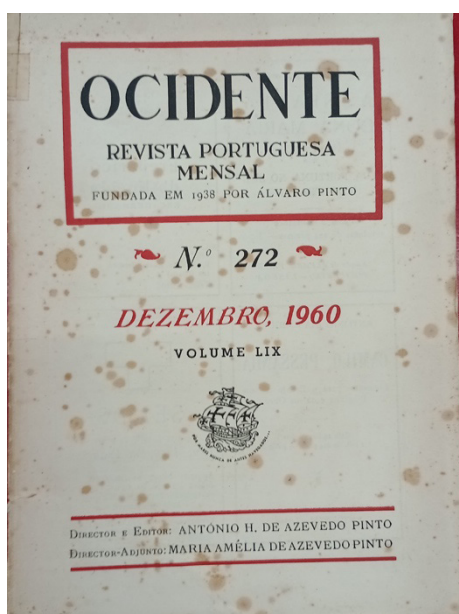
O texto de 1958 aparece na antologia poética de Mário de Sá-Carneiro organizada por ela, publicada pela Agir. Trata-se de um ensaio que aborda as relações pessoais e literárias de Sá-Carneiro e Pessoa.

Esse texto rendeu uma nota de João Gaspar Simões, no texto intitulado “Indícios de Sá-Carneiro”, publicado no Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil* de 23 de novembro daquele ano. Nele, Simões diz que a brasileira teria cometido equívocos anacrônicos ao incluir o “supra-realismo de André Breton entre as mensagens europeias que os de Orpheu queriam comunicar à nação portuguesa” (SIMÕES, 1958, s/p). Importante essa primeira intervenção a partir da leitura de um português, entretanto, o argumento de Simões poderia ser rebatido de várias maneiras, inclusive porque há características – introjetadas e divulgadas pelo Surrealismo como escola – já presentes em autores do século XIX, como Cesário Verde e Camilo Pessanha.

O texto de 1959 é um artigo publicado em uma separata da revista brasileira *Ibérica*, originalmente subcapítulo de sua tese, intitulado “Observações sobre a língua poética de Fernando Pessoa”

Em 1960, um outro subcapítulo da tese é publicado, agora integralmente, sob o título “A presença da ausência em Fernando Pessoa”, no número 272 de *Ocidente – Revista Portuguesa Mensal*, fundada em 1938 por Álvaro Pinto, reconhecido editor de revistas literárias em Portugal, e também no Brasil. Fundador da revista *A Águia* (1910), foi um dos criadores da *Renascença Portuguesa*, e editor, juntamente com Tasso da Silveira, de *Terra de Sol* (1924-1925), revista modernista brasileira que contou com colaboração de autores portugueses. Além disso, Álvaro Pinto trocou correspondências com Fernando Pessoa entre os anos 1912 e 1914, cartas que em 1944 foram publicadas na mesma revista *Ocidente*, que 16 anos mais tarde apresentaria o seu texto sobre o poeta.

Fig. 1 – Capa da revista *Ocidente* (1960)



Fonte: espólio da autora.

Cogitamos, pois, distanciados do contexto, que, defendida a tese – se considerarmos, no mínimo, o ineditismo dela para o Brasil –, viria a autora publicá-la. Não foi o que ocorreu. O motivo principal consistiria numa postura autocrítica da autora, que detectara suposta obsolescência na metodologia utilizada para a análise do corpus. Àquela altura (fins da década de 1950), a escola estilística espanhola (formada pela tríade, Dámaso Alonso, Amado Alonso e Carlos Bousoño) cedia espaço à “crescente influência do estruturalismo francês, que logo viria a dominar as análises literárias na década de 1960” (PITTELLA, 2016, p. 157). Ela, então, optaria por desmembrá-la futuramente em textos avulsos, publicados entre 1965 e 1999.

Pode ter havido, quem sabe, alguma influência das críticas de Jacinto do Prado do Coelho, apresentadas na segunda edição de sua *Diversidade e unidade em Fernando Pessoa*, de 1961, em que se destacam dois pontos principais: “1) a justificação da dicotomia matéria-forma empregada por Berardinelli e 2) a aplicabilidade da expressão ‘febre de Além’ para representar o cerne espiritual da poesia pesso-

ana” (PITTELLA, 2016, p. 159). Poderia debruçar-me sobre a questão com Jacinto do Prado Coelho, entretanto, seria mais um exercício de análise desses argumentos para a defesa da tese de Cleonice do que um trabalho de indicação da importância da segunda tese para a recepção de Fernando Pessoa no Brasil, que, a meu ver, pode ser sustentada por outros aspectos, a despeito da crítica, afinal, cabe também à crítica discordar.

Vamos a eles: um primeiro é, para além do pioneirismo, o seu protagonismo, pois ela escreveu e defendeu “um dos primeiros trabalhos de livre-docência de mulheres no Brasil” (PITTELLA, 2016, p. 160), o que, em si, já não é pouca coisa; um segundo, e arrisco-me dizer o mais importante, não recorre demasiado à teoria e à crítica, ainda que já demonstre incontestável erudição. Ela vai aos poemas, parte de Pessoa, e isso confere à tese um caráter de vanguarda sobre a própria crítica, que talvez tenha tardado em reconhecer que o poeta, lúcido e atento à crise da linguagem que marcava o seu tempo, escreveu, sim, para o seu tempo, mas não só, porque parece ter intuitido que era preciso também deixar portas a serem abertas no futuro. Não fosse isso, talvez ele não se tivesse dedicado tanto a também escrever teoria estética e crítica literária.

O segundo: Cleonice Berardinelli pensa com Pessoa, e não sobre Pessoa, o que me remete imediatamente ao texto do historiador norte-americano, Carl E. Schorske, *Thinking with History*, publicado em 1998, e analisa poemas ainda pouco estudados, estabelecendo uma profunda e alargada leitura de temas até hoje fulcrais da poética pessoana, a saber: o sonho, a solidão, o desassossego, o mistério do mundo, uma ideia de morte, a angústia metafísica, a busca do “eu”, a abulia, o cansaço, o tédio, o silêncio, e o mais sintetizador dos temas, do ponto de vista de um olhar universal e moderno sobre Pessoa, a presença na ausência; um terceiro, e não menos importante, a aplicação de um método quantitativo-qualitativo, que a

permitiu analisar, de uma perspectiva fundo-forma, os poemas pessoanos. Ressalta-se que naquele momento a autora ainda não havia tido contato com os testemunhos originais, o que só vai acontecer em 1959, depois da tese já defendida, ano em que ela recebe bolsa do Real Gabinete Português de Leitura para a sua investigação. O fato é inclusive noticiado em 22 de fevereiro daquele ano pelo periódico *Tribuna da Imprensa*, o que, sobretudo, no caso Pessoa, faz, como bem se sabe, toda a diferença.

Fig. 2 – *Tribuna da Imprensa* - 21-22 de fevereiro de 1959.



Fonte: (*Tribuna da Imprensa*, 1959, p. 10 – Hemeroteca Digital FBN https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083_01&pesq=Cleonice%20Berardinelli&pasta=ano%20195&hf=memoria.bn.br&pagfis=44468).

Poesia e Poética de Fernando Pessoa, de Cleonice Berardinelli, tem 362 páginas e está dividida em duas grandes seções. A primeira, “Temas e Constantes”, com 04 capítulos: “A febre de Além”; “As raízes do desassossego”; “A fuga do real”; “Nada vale a pena”. A segunda seção, “Língua e Estilo”, com 03 capítulos: “Linguagem”; “Processo poéticos”; “Ritmo e Metro”.

Abre-se com um belíssimo e instigante poema de Goethe, que será retomado na conclusão pela autora e que merece atenção em outra oportunidade. Como já mencionado, a opção de Cleonice se deu pelo desmembramento dos textos da tese. Contudo, há partes que não foram publicadas ou pontos de força que foram descortinados por ela na tese e que, de alguma maneira, foram descontinuados, ao menos, do ponto de vista direto. Vários desses pontos mereceriam destaque, mas, por questão de concisão, apresento apenas um aspecto que é invariavelmente plural e complexo: a busca do “eu” que compreende, conseqüentemente, a dessubjetivação, por intermédio de um mecanismo que a crítica denominará “a presença da ausência”. Nestes estão implicados, em uma relação centrífuga e centrípeta, ao mesmo tempo, outros temas também presentes na tese (alguns destes nomeadamente presentes nos textos de Pessoa): o mistério do mundo; a febre de Além; a angústia metafísica; a ideia de morte; as raízes do Desassossego.

Fig. 3 – Trecho da tese contendo o poema de Álvaro de Campos – “Os antigos invocavam as Musas”. 03-01-1935

"Quantas vêzes me tenho debruçado
Sôbre o poço que me suponho
E balido "Ah!" para ouvir um eco,
E não tenho ouvido mais que o visto -
O vago alvor..." (80).

Nesta busca de si mesmo, são três as atitudes de Pessoa: numa, é o analista lúcido que se afirma ou nega, que se exalta ou apouca, de olhos bem abertos para a vida; noutra, uma névoa de sonho, de semi-consciência, cerra-lhe as pálpebras, tira a nitidez dos contornos; na terceira, o que êle busca no próprio ser é o seu sentido transcendente.

Fonte: espólio da autora.

Ainda que a tese de Prado Coelho apresente a questão do heteronimismo, em Berardinelli percebe-se que alguns desses pontos de força que giram em torno de uma questão ontológica central, e que ainda é motivo de inquietação por parte de quem se atreve na aventura, compõem uma certa dinâmica, que, afinal, foi de alguma maneira estudada por muitos críticos em anos mais recentes, à qual ela não retornou sistematicamente, ainda que estivesse tudo lá, em 1958.

Essa dinâmica pode ser entendida como uma gênese problematizadora do que se denominaria no futuro “desassossego pessoano”, não só aquele presente nos fragmentos do “livro”, mas perceptível também como um *ethos* poético, pois vemos esse “desassossego” presente em outros textos, como nos fragmentos do *Fausto*. Proponho apenas um exercício, na certeza do falhanço de chegar a algum lugar.

É possível perceber na leitura da tese que os pontos de força que são organizados pela autora, de maneira esquemática, em capítulos, constituem peças de um tal mecanismo, que tem em seu eixo o heteronimismo, gerando, ao mesmo tempo, uma força centrífuga e centrípeta, porque, para indagar o “eu”, para problematizar o “eu”, é preciso que se saia, que se gire essa roda, que se deite fora o que está no centro, para que, posteriormente, se faça o movimento inverso, que aparentemente não resultará em sucesso de reintegração. Esse “eu” buscado nunca se reconstituirá, senão pela transfiguração, pela produção de outras presenças “blasfemas”, como referiu o Prof. Paulo de Medeiros.

Na busca do “eu”, está implicado que se tenha acesso ao mistério do mundo, através de um outro tema da tese que é “o vício de pensar”. Como o mistério – que podemos chamar aqui de Deus, com todas as “aspas” – é insondável, incomunicável, incompreensível, a única atitude encontrada para tentar pensar como se opera a continuidade dessa busca, é justamente recorrendo ao silêncio:

Fig. 4 – Trecho da tese contendo o poema do Fausto: “Todo o mundo de seres e relações”. c. 1913

“ O mistério do mundo,
O íntimo, horroroso, desolado,
Verdadeiro mistério da existência,
Consiste em haver êsse mistério.” (26).

Para um ser essencialmente pensante, como Pessoa, sempre a inquirir e a propor soluções, cuja poesia segue frequentemente a marcha ondulatória da reflexão, a aceitação do mistério é a própria negação. Pois que é o mistério, senão o que se não capta pela inteligência? Talvez por isso se acompanhe de silêncio - negação do som - e de noite - negação da luz:

Fonte: espólio da autora.

De outro lado, na já célebre “Febre de Além”, percebo a possibilidade de pensarmos uma aproximação com a sensação consubstanciada pela *Sehnsucht* romântica, um anseio pelo infinito, o anelo, de alguma maneira evocando as imagens do sonho, da névoa, que leva essas vozes líricas a uma repetição, ao perene tender a, à angústia metafísica cujo resultado é outro conjunto de temas presentes na tese: tédio, abulia, cansaço e solidão, sensações que culminam na ideia de morte, de aniquilamento, no *mäelstrom*, no abismo.

Fig. 5 - Trecho Poema de Álvaro de Campos. “Esta velha angústia”. 16-6-1934.

“Esta velha angústia,
Esta angústia que trago há séculos em
mim,
Transbordou da vasilha,
Em lágrimas, em grandes imaginações,
Em sonhos em estilo de pesadelo sem ter-
ror,
Em grandes emoções súbitas sem sentido
nenhum.

Fonte: espólio da autora.

Ainda não há conclusão razoável para a importância da tese de Cleonice Berardinelli, mas, neste exato momento, trabalha-se na sua edição crítica que, em breve, estará disponível a quem quiser se aventurar na primeira tentativa de síntese da obra de Fernando Pessoa feita fora dos limites de Portugal.

RECEBIDO: 24/11/2023

APROVADO: 24/01/2024

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Nicolás, PIZARRO, Jerónimo, PITTELLA, Carlos, et al., “Portugal, o primeiro aviso de Mensagem: 106 documentos inéditos” (2020). *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*. Brown

Digital Repository. Brown University Library. <https://doi.org/10.26300/djfd-kf82>.

BERARDINELLI, Cleonice. A presença da ausência em Fernando Pessoa (separata). *Ocidente*, vol. LIX, n. 272, p. 309- 377, 1960.

BERARDINELLI, Cleonice. Observações sobre a língua poética de Fernando Pessoa. *Ibérica*, n. 1, p. 101-114, 1959.

BERARDINELLI, Cleonice. *Fernando Pessoa: outra vez de revejo*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2004

BERARDINELLI, Cleonice. *Poesia e poética de Fernando Pessoa*. 1958. Tese (Doutorado de livre-docência) – Universidade do Brasil, Rio de Janeiro, 1958.

BLANCO, José. “Cleonice: pessoana centenária. Uma bibliografia”. In G. Santos & P. M. Oliveira (Eds.), *Genuína Fazendeira: Os frutíferos 100 anos de Cleonice Berardinelli* (pp. 401-422). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2016.

COELHO, Jacinto do Prado Coelho. *Diversidade e unidade em Fernando Pessoa*. Lisboa: Verbo, 1949.

MEIRELES, Cecília. *Poetas Novos de Portugal*. Rio de Janeiro: Editora Dois Mundos, 1944.

PESSOA, Fernando. *Mensagem – Poema esotéricos*. Edição de José Augusto Seabra. São Paulo: Scipione Cultural, 1993.

PITTELLA, Carlos. “A segunda tese: a importância da tese inédita de Cleonice Berardinelli para os estudos pessoanos.” In G. Santos & P. M. Oliveira (Eds.), *Genuína Fazendeira: Os frutíferos 100 anos de Cleonice Berardinelli* (pp. 157-171). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2016.

PROFESSORA brasileira vai examinar inéditos de Pessoa. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 21-22 fev. 1959. Seção Tablóide, p. 10. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083_01&pesq=Cleonice%20Berardinelli&pasta=ano%20195&hf=memoria.bn.br&pagfis=44468 . Acesso em: 22 maio 2023.

SCHORSKE, Carl. E. *Thinking with History: Explorations in the Passage to Modernism*. Princeton: Princeton Legacy Library, 1998.

MINICURRÍCULO

RODRIGO XAVIER é Professor Associado do Departamento de Letras Vernáculas – UFRJ / Pesquisador FBN. Tem se dedicado a projetos de investigação em torno do espólio de Fernando Pessoa, com ênfase no diálogo entre teoria literária, filosofia e materialidades da literatura.